

O Ilusionista

Como FOI QUE HERBERT MARCUSE CONVENCEU UMA GERAÇÃO DE QUE CENSURA É, NA VERDADE, TOLERÂNCIA (E OUTROS TRUQUES POLITICAMENTE CORRETOS)

por Robin Phillips

Na Grécia Antiga havia uma escola de pensadores conhecidos como sofistas, os quais se orgulhavam de sua capacidade de provar teses impossíveis. Alguns sofistas até ofereciam seus serviços em eventos públicos, onde platéias fascinadas tinham a oportunidade de ver como é que eles faziam para provar proposições que eram obviamente falsas.

O sofista Górgias (século IV a.C.), por exemplo, inventou um engenhoso argumento para provar que, na verdade, nada existe e que mesmo se algo existisse, nada se poderia conhecer desse algo. Górgias argumentava ainda que mesmo se algo existisse e se pudessemos ter algum conhecimento desse algo, tal conhecimento não poderia ser comunicado aos outros, e mesmo se algo existisse e pudesse ser conhecido e comunicado, não haveria nenhum incentivo para comunicar algo desse conhecimento para outras pessoas.

Seria bom que semelhante sofística tivesse existido apenas entre os gregos antigos. No entanto, o século XX conheceu um pensador cujo absurdo rivalizou e até mesmo superou tudo o que os sofistas produziram. O nome dele é Herbert Marcuse (1898-1979), o guru da contracultura dos anos sessenta.

Marcuse é importante, mas não porque ele foi capaz de elevar a sofística a inauditos níveis de distorção da verdade, mas porque o seu

pensamento voltado à corrupção da verdade teve um papel formador na definição de boa parte do “senso comum” coletivo (ou, mais precisamente, contra-senso comum) de nossa época.

Quão formador? Em 1968, quando os estudantes se revoltaram em Paris, eles puseram a cidade abaixo carregando faixas que diziam “Marx/ Mao/ Marcuse”. Robert Young, em seu prefácio para o livro de Marcuse, *Negações: Ensaio em Teoria Crítica*, disse que “mais do que qualquer outro indivíduo no século XX, [Marcuse] foi, entre os acadêmicos puros, aquele que teve o efeito mais direto e profundo sobre os acontecimentos históricos.”

A Escola de Frankfurt

Marcuse veio de uma geração de intelectuais que tinham experimentado a devastação da Primeira Guerra Mundial. Essa guerra sem sentido, junto com a gripe espanhola, que se lhe seguiu imediatamente e exterminou tantas pessoas quanto ela, produziu uma geração de intelectuais exaustos e cínicos, prontos para abraçar ou o falso otimismo do fascismo ou do marxismo. Muitos dos que adotaram o segundo caminho reuniram-se no Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt (cujo nome formal era *Instituto de Estudo do Marxismo*), na Alemanha. Esse movimento caracterizou-se por uma visão intelectual original que veio a ser conhecida como “Escola de Frankfurt”.

Essa visão era essencialmente marxista, mas com uma diferença. Enquanto Marx acreditava que o poder estava nas mãos daqueles que controlavam os meios de produção, a escola de Frankfurt argumentava que quem tinha o poder eram aqueles que controlavam as instituições de

cultura. A escola viria a incluir sociólogos, críticos de arte, psicólogos, filósofos, “sexólogos”, cientistas políticos, e uma série de outros “especialistas” determinados a converter o marxismo, uma teoria estritamente econômica, em uma realidade cultural.

Marcuse era um intelectual chave nesse movimento, junto com Theodor Adorno, Max Horkheimer, Erich Fromm, Walter Benjamin, Leo Lowenthal, Wilhelm Reich, Georg Lukács e muitos outros. Estes homens estavam desiludidos com a sociedade ocidental e os valores tradicionais. Lukács, que ajudou a fundar a escola, disse que o seu objetivo era responder a seguinte pergunta: “Quem nos salvará da civilização ocidental?”

“Terror e civilização são inseparáveis”, escreveram Adorno e Horkheimer em *A Dialética do Iluminismo*. A solução para o terror era, portanto, simples: dismantlar a civilização. Marcuse expressou seu objetivo da seguinte maneira: “Pode-se legitimamente falar de uma revolução cultural, uma vez que o protesto é direcionado contra todo o *establishment* cultural, incluindo [a] moralidade da sociedade existente.” Lukács, por sua vez, viu “a destruição revolucionária da sociedade como a única solução para as contradições culturais da época” e argumentou que “uma tal reviravolta dos valores em nível mundial não pode acontecer sem a aniquilação dos valores antigos e a criação de novos pelos revolucionários.”

Lukács usou as escolas húngaras como uma linha de frente para instilar esse niilismo cultural. Através de um currículo de educação sexual radical, ele esperava enfraquecer a família tradicional. O historiador William Borst conta como “crianças húngaras aprenderam as nuances sutis do amor livre e da relação sexual, a natureza arcaica de códigos de família

de classe média, a natureza obsoleta da monogamia e a irrelevância da religião organizada, a qual privou o homem do prazer.”

Rumo à América

Quando Hitler se tornou chanceler em 1933, a escola de Frankfurt foi forçada a dissolver-se, mudando primeiro para a Genebra e, mais tarde, depois que a maioria de seus intelectuais fugiram para os Estados Unidos, para a Universidade de Columbia. De Columbia suas idéias foram divulgadas para toda a academia norte-americana.

Superficialmente, a América do pós-guerra parecia ser o último lugar que daria atenção a uma filosofia anti-ocidental como essa. Afinal de contas, todo o mundo ocidental, mas especialmente a América, estava plenamente consciente do modo pelo qual o fascismo quase tinha conseguido dar cabo à civilização. Os nazistas chegaram ao poder graças a uma onda de neo-paganismo e tribalismo primordial que se apresentava como uma *alternativa* para a cultura do Ocidente moderno. Por isso, a derrota de Hitler representava, em vários sentidos, um triunfo dos valores ocidentais. Nos Estados Unidos, a essa vitória seguiu-se o renovado otimismo cultural característico do final dos anos 40 e 50, o qual se manifestou, entre outras coisas, na explosão demográfica conhecida como *baby boom*.

O gênio da Escola de Frankfurt residia em sua capacidade de converter essa nova confiança em uma força destinada a sabotar a sociedade. A estratégia envolvia uma astuta redefinição do fascismo, transformando-o em uma heresia de extrema direita. De acordo com essa narrativa, o nazismo foi a consequência de uma sociedade entrincheirada

no capitalismo. (“Quem quer que não esteja preparado para falar sobre o capitalismo também deve permanecer em silêncio sobre o fascismo”, comentou o sociólogo Max Horkheimer.) As culturas que davam grande importância à família, à religião, ao patriotismo e à propriedade privada eram, segundo diziam, terrenos que já eram, de fato, férteis e preparados para o fascismo.

O revisionismo histórico atingiu seu auge com Marcuse, que se estabeleceu como o membro mais conhecido do movimento por causa de sua capacidade de se comunicar com a juventude de forma eficaz. O movimento hippie o adotou como seu guru intelectual, e Marcuse, por sua vez, abasteceu a geração mais jovem com um fluxo constante de propaganda destinada a santificar os impulsos rebeldes da juventude. (Foi ele quem inventou o slogan “Faça amor, não guerra.”)

Para Marcuse, a única resposta para o problema do fascismo era o comunismo. “Os partidos comunistas são, e continuarão a ser, o único poder anti-fascista”, declarou. Por esta razão, pediu aos americanos que não fossem muito duros com os experimentos totalitários de seus inimigos comunistas, afirmando que “a denúncia do neo-fascismo e a social-democracia devem prevalecer sobre denúncia da política comunista.”

Assobio e Teoria do Trabalho

Os pensadores de Frankfurt ensinavam que aqueles que tinham opiniões conservadoras não estavam apenas errados, mas eram neuróticos. Ao converter idéias conservadoras em patologias, eles colocaram em movimento a tendência de silenciar os outros através de diagnóstico, em

vez de diálogo. A “psicologização” dos adversários políticos tornou-se um substituto para o debate com eles.

Não foi apenas seus adversários políticos que foram atingidos pelo martelo da psicanálise. Ao ser a pioneira de uma disciplina conhecida como “Teoria Crítica”, a Escola de Frankfurt conseguiu desconstruir toda a civilização ocidental. Em vez de mostrar que os valores do Ocidente eram falsos ou deficientes, os frankfurtianos diagnosticaram a cultura como sendo inerentemente logocêntrica, patriarcal, capitalista, institucional e patriótica. Nenhum aspecto da sociedade ocidental, desde a limpeza até Shakespeare, ficou imune à crítica. Mesmo o ato de assobiar foi desconstruído por Adorno, para quem o assobiar indicava o “controle da música” e era sintomático do insidioso prazer que os ocidentais gozavam “ao possuir a melodia.”

É de se duvidar que Marcuse tenha alguma vez ficado irritado com o ato de assobiar. O que o levava à loucura, na verdade, era o trabalho. Um bom dia de trabalho honesto era, para ele, um dos aspectos mais repressivos da civilização que ele esperava solapar. Como alternativa, Marcuse exigia aquilo que denominara de “convergência de trabalho e lazer.”

A libido era a chave para essa utopia pré-civilizada. Marcuse demandava uma “sexualidade polimorfa”, envolvendo “uma transformação da libido da sexualidade constrangida sob a supremacia genital em uma erotização de toda a personalidade.” Uma vez que esta transformação ocorresse, o trabalho já não ocuparia um papel tão importante no Ocidente. Em *Eros e Civilização*, Marcuse escreveu que “o tempo de trabalho, que é a maior parte do tempo de vida do indivíduo, é um tempo doloroso, pois o

trabalho alienado é a ausência de gratificação, a negação do princípio do prazer.”

Em seu livro *Idiotas Intelectuais*, Daniel J. Flynn presta uma grande ajuda ao comparar as posições de Marcuse sobre o trabalho com as de Marx: “*Marx argumentava contra a exploração do trabalho; Marcuse, contra o próprio trabalho. Não trabalhe, transe. Esta foi a mensagem simples de Eros e Civilização, lançado em 1955. Suas idéias mostraram-se extraordinariamente populares na cultura hippie incipiente da década seguinte. Ele forneceu a justificativa para a preguiça e transformou vícios degradantes em virtudes pessoais.*”

Essa elevação da preguiça incluía a rejeição consciente do “trabalho” de manter-se limpo. Assim, Marcuse argumentava que aqueles que retornassem para um estado mais primitivo deveriam rejeitar a higiene pessoal e experimentar a liberdade de abraçar um “corpo não poluído pela limpeza de plástico.”

Duplilingua

Flynn resumiu toda a filosofia de Marcuse ao afirmar que Marcuse “pregava que a liberdade é o totalitarismo, a democracia é a ditadura, a educação é a doutrinação, a violência é a não-violência, e ficção é a verdade.” Como isso sugere, Marcuse era um gênio em “dar conotações positivas para práticas negativas.” Esse truque atingiu o patamar de duplilingua quando Marcuse pregou que a tolerância é, na verdade, intolerância e vice-versa.

Guiado pela sofística de Marcuse, a noção de tolerância passou a significar o *oposto* do que antigamente significava. Já não era a tolerância o ato de permitir ou ser paciente com os pontos de vista ou valores de outra pessoa, apesar de você desaprová-los. Esta foi a idéia defendida pelos liberais do Iluminismo e incorporada na citação (falsamente atribuída a Voltaire): “Eu desaprovo o que você diz, mas defenderei até a morte seu direito de dizê-lo.” Embora essa noção de tolerância, como qualquer outro tipo de liberdade, tenha limites legais óbvios, ela foi baseada na idéia cristã (nem sempre perfeitamente realizada) de que devemos nos abster de deportar, aprisionar, executar ou humilhar aqueles cujas crenças, práticas e comportamentos nós não gostamos ou desaprovamos.

Marcuse considerava a tolerância tradicional como “tolerância repressiva”, que precisava ser substituída por uma “tolerância libertadora”. O que é muito significativo é que a tolerância libertadora implicava “intolerância contra os movimentos da direita e tolerância com movimentos de esquerda”. Movimentos da esquerda incluíam o ativismo de vários grupos que Marcuse encorajava a auto-identificarem-se como oprimidos,

incluindo os homossexuais, mulheres, negros e imigrantes. Somente grupos minoritários como estes poderiam ser considerados objetos legítimos de tolerância.

Comentando este novo tipo de tolerância, Daniel Flynn escreveu: *“Tolerar o que você gosta e censurar o que você não gosta, é claro, tinha um nome antes de Marcuse aparecer. Chamava-se intolerância. Como intolerância soava impopular, Marcuse passou a denominá-la pelo seu antônimo mais popular, tolerância. Essa palavra foi muitas vezes qualificada com os adjetivos libertadora, discriminadora e verdadeira. A corrupção da linguagem prosseguiria através de sua crítica aos praticantes da liberdade de expressão como “intolerantes”.*

O que emergiu da sombra desta nova tolerância era um tipo de redistribuição intelectual. Ao invés de redistribuir o capital *econômico* da classe média para a classe trabalhadora, como Marx insistia, a nova tolerância procurava redistribuir capital *cultural*. Marcuse não fez segredo de que este era o seu objetivo final, admitindo que elogiava “a prática da tolerância discriminadora em sentido inverso, como um meio de mudar o equilíbrio entre direita e esquerda, restringindo a liberdade da direita.” O objetivo foi alcançado de muitas maneiras, incluindo o que Flynn descreveu como “ajuste de atitude” efetuado pelo “condicionamento psicológico através do entretenimento, da sala de aula, dos tabus lingüísticos e de outros meios [que] transmitem sua ideologia por osmose”.

Durante os anos que se passaram desde a época de Marcuse, a noção de tolerância concluiu sua metamorfose. Enquanto sob a antiga noção de tolerância, um homem tinha de *discordar* de alguma coisa a fim de tolerá-la, sob o novo significado, não pode haver discordância; antes, uma pessoa deve aceitar todos os valores e pontos de vista como sendo igualmente

legítimos (a óbvia exceção é que não devemos tolerar a velha noção de tolerância.)

Diferentemente de muitos de seus descendentes filosóficos, Marcuse estava perfeitamente consciente da duplicidade de critérios que defendia, não fazendo nenhum segredo do fato de que ele estava disposto a acabar com a liberdade acadêmica a fim de mudar o equilíbrio de poder. Até mesmo reconheceu que esse novo modelo de tolerância acarretava “a retirada da tolerância do direito de expressão e de assembléia de grupos e movimentos que promovem políticas agressivas”, ao mesmo tempo que “a restauração da liberdade de pensamento pode exigir novas e rígidas restrições ao ensino e práticas nas instituições de educação que, pelos seus próprios métodos e conceitos, servem para encerrar o espírito dentro do já esabelecido universo de discurso e comportamento”. O que Marcuse disse é ainda mais radical do que a afirmação de Górgias que nada existe. Isso é equivalente a dizer que *a liberdade de pensamento e liberdade de expressão só podem ser alcançadas por restrições rígidas impostas ao pensamento e à expressão do pensamento.*

Ao defender “o cancelamento do credo liberal de discussão livre e igualitária” (em seu ensaio “tolerância repressiva”), Marcuse ajudou a minar o lema *lux et veritas* da antiga universidade. Marcuse deu legitimação intelectual à universidade moderna e sua políticas de fiscalização vigilante de idéias e censura por motivos políticos.

Conseqüências

Embora seja duvidoso que alguém tenha levado o pensamento de Górgias a sério (nem o próprio Górgias o fez), as idéias de Marcuse foram

levadas tão a sério que formaram a base intelectual tanto da esquerda acadêmica quanto da máquina do politicamente correto que determina muito da tendenciosidade da mídia contemporânea.

Górgias sabia que estava sendo irracional, mas ele o fazia pelo prazer de demonstrar seus poderes intelectuais. Marcuse também sabia que estava sendo irracional, mas ele acreditava que a irracionalidade era boa. Para ele, a lógica era um instrumento de dominação e opressão, ao passo que, segundo escreveu em *Homem Unidimensional*, “a capacidade de converter (...) ilusão em realidade e ficção em verdade atesta até que ponto a imaginação tornou-se um instrumento de progresso”.

Marcuse teve passagens em Harvard, Yale, Columbia, Brandeis e na Universidade da Califórnia em San Diego. Em cada uma dessas instituições, pregou o seu evangelho de niilismo em que conceitos e palavras negativas foram continuamente transformadas em conceitos e palavras de valor positivo. Até sua morte em 1979, continuou a convencer as pessoas a “converter ilusão em realidade”.

Mas o que é verdadeiramente surpreendente é o fato de que muitas pessoas acreditaram nas ilusões que ele produziu.

Robin Phillips é o autor do livro [Santos e Canalhas](#) e está fazendo doutorado em teologia histórica pelo Kings College, em Londres. Ele escreve no <http://robinphillips.blogspot.com>.